



Setúbal Arqueológica
vol. 18

DO PALEOLÍTICO AO PERÍODO ROMANO REPUBLICANO

Actas do IX Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular

Setúbal
Arqueológica

Vol.18
2019

DO PALEOLÍTICO AO PERÍODO ROMANO REPUBLICANO

Actas do IX Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular

Joaquina Soares • Inês Vaz Pinto • Carlos Tavares da Silva
(Coord.)

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal /
/Associação de Municípios da Região de Setúbal



Setúbal
Arqueológica
Vol.18
2019

Propriedade MAEDS/AMRS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/
/Associação de Municípios da Região de Setúbal

Direcção Carlos Tavares da Silva
Joaquina Soares

Coordenação do volume Joaquina Soares
Inês Vaz Pinto
Carlos Tavares da Silva

Capa Lucerna romano-republicana de Chibanes. Foto de Rosa Nunes.

Layout Ana Castela
Ana Paula Covas

Tipografia Tipografia Belgráfica, Lda

Informações e permutas Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Avenida Luisa Todi, 162 - 2900-451 Setúbal (Portugal)
Tel.: +351 265 239 365/265 534 029
E-mail: maeds@amrs.pt
Site: <http://maeds.amrs.pt/>
Blog: <http://maedseventosactividades.blogspot.pt/>

Copyright® Setúbal Arqueológica e autores, 2019

ISSN 0872-3451

Depósito Legal 464909/19

IX ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA
DO SUDOESTE PENINSULAR



IX ENCUESTRO DE ARQUEOLOGIA
DEL SUROESTE PENINSULAR

Comissão Científica

Carlos Tavares da Silva (MAEDS - UNIARQ- Universidade de Lisboa)
Catarina Viegas (UNIARQ- Universidade de Lisboa)
Inês Vaz Pinto (CEAACP - Troia Resort)
Javier Jiménez Ávila (Consortio de Mérida)
Joaquina Soares (MAEDS - UNIARQ- Universidade de Lisboa)
Juan Aurelio Pérez Macías (Universidad de Huelva)
Macarena Bustamante Álvarez (Universidad Autónoma de Madrid)
Rosa Varela Gomes (IAP-FCSH- Universidade Nova de Lisboa)
Victor S. Gonçalves (UNIARQ- Universidade de Lisboa)

Comissão Organizadora

Ana Patrícia Magalhães (Troia Resort - UNIARQ- Universidade de Lisboa)
Carlos Tavares da Silva (MAEDS - UNIARQ- Universidade de Lisboa)
Inês Vaz Pinto (CEAACP- Troia Resort)
Javier Jiménez Ávila (Consortio de Mérida)
Joaquina Soares (MAEDS - UNIARQ- Universidade de Lisboa)
Juan Aurelio Pérez Macías (Universidad de Huelva)
Macarena Bustamante Álvarez (Universidad Autónoma de Madrid)
Manuela de Deus (Direcção Regional de Cultura do Alentejo)
Patrícia Brum (Troia Resort – IHC- Universidade Nova de Lisboa)
Samuel Melro (Direcção Regional de Cultura do Alentejo)



Tróia • Setúbal • 2016

Org.:



TROIA TROIA
RESORT RUINAS



Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património



Colab.:



Nota de abertura	9
Rui Manuel Marques GARCIA	
Apresentação	10
Joaquina SOARES, Inês VAZ PINTO e Carlos TAVARES DA SILVA	
In memoriam Jesús Fernández Jurado (1955-2019)	11
Clara TOSCANO-PÉREZ e Diego RUIZ MATA	
Os mais antigos vestígios humanos na costa sudoeste: o corte de Porto Covo (Sines)	13
João Luís CARDOSO	
O Mesolítico em Portugal: uma nova visibilidade para os concheiros do Rio Sado	19
Rafael LIMA	
O Sítio de Fornos do Barranco Horta do Almada 1 (Santa Clara do Louredo, Beja) – Primeiros dados acerca da ocupação pré-histórica	25
Ana ROSA e Mariana DINIZ	
Quinta da Praia (Samouco, Alcochete): testemunhos do Neolítico Antigo na margem esquerda do estuário do Tejo	33
António Faustino CARVALHO, Miguel CORREIA e Marisa MOISÉS	
Dolmen de la Peña del Hombre (Almonaster la Real, Huelva)	41
José Francisco GONZÁLEZ VÁSQUEZ	
La Cueva del Cañaveralejo (Adamuz, Córdoba, España) en la Prehistoria Reciente de Sierra Morena: nuevas aportaciones	47
Isabel María JABALQUINTO EXPÓSITO e José Clemente MARTIN DE LA CRUZ	
Los denominados cilindros decorados de hueso de la Prehistoria Reciente en la Provincia de Cadiz	61
María Narváez CABEZA DE VACA e María LAZARICH	
A cerâmica de engobe vermelho dos povoados do 4º/3º milénio a.n.e. de São Pedro (Redondo, Alentejo Central)	71
Catarina COSTEIRA e Rui MATALOTO	
Os metais das necrópoles de cistas de Casas Velhas (Melides) e da Provença (Sines). O encontro de antigas e novas tecnologias no Bronze Pleno do Sudoeste	89
Pedro VALÉRIO, Maria Fátima ARAÚJO, António M. MONGE SOARES, Joaquina SOARES e Carlos TAVARES DA SILVA	
O depósito metálico de Agro Velho - Montalegre e a sua relação com o Sudoeste Peninsular (?)	97
Joaquina SOARES, Pedro VALÉRIO, António M. MONGE SOARES e Maria Fátima ARAÚJO	

Notas sobre la Edad del Bronce en el Andévalo (Huelva, España)	105
Juan Aurelio PÉREZ MACÍAS, Rubén MACÍAS FORTES e Manuel RABADÁN VÁSQUEZ	
Gruta da Igrejinha dos Soidos (Alte, Loulé): contribuição para o estudo do final da Pré-história no Algarve	121
António Faustino CARVALHO e Humberto VERÍSSIMO	
El escudo de Clonbrin (Irlanda) y las estelas del Suroeste. Una aproximación a los escudos con escotadura en «V» del Bronce Final Atlántico	133
Jorge del REGUERO GONZÁLEZ	
Importaciones mediterráneas en el Cerro del Castillo de Medellín (Badajoz): cerámicas griegas y escarabeo de las campañas 2014 y 2015	145
Javier JIMÉNEZ ÁVILA, Ángel CARBAJO LÓPEZ e Montaña LUENGO GONZÁLEZ	
La etnoarqueología cerámica, una herramienta fundamental para el estudio de la alfarería prehistórica	159
María LAZARICH, Antonio RAMOS-GIL, Juan Luís GONZÁLEZ-PÉREZ, Maria José CRUZ-BUSTO e Mercedes VERSACI	
Tejada La Vieja (Escacena del Campo, Huelva) y la producción y consumo vitivinícola	171
Clara TOSCANO-PÉREZ	
El Potro desempotrado: el Caballo ibérico de La Covatilla (Marchena, Sevilla)	181
Javier JIMÉNEZ ÁVILA	
Adornos, espaço e tempo: as contas de colar em Mesas do Castelinho (Santa Clara-a-Nova, Almodôvar)	193
Susana ESTRELA	
Castro de Chibanes (Palmela). Trabalhos arqueológicos de 2012 a 2017	215
Carlos TAVARES DA SILVA, Joaquina SOARES, Susana DUARTE, Teresa Rita PEREIRA, Antónia COELHO-SOARES e Vincenzo SORIA	

Nota de Abertura

Em boa hora se realizou em Setúbal-Tróia-Palmela o IX Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, em cuja organização participou o Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal – MAEDS, integrado na Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS).

O património cultural e, no caso vertente, o arqueológico constituem um valor social e económico inestimável, que não pode ser esquecido nos programas de desenvolvimento regional; a mobilização desse património para a fruição da população residente e dos que nos visitam alimenta uma cada vez mais expressiva atividade de turismo cultural e exige que a montante se incremente a investigação em arqueologia e nas chamadas arqueociências.

Através da unidade de investigação, Centro de Estudos Arqueológicos do MAEDS, a Associação de Municípios da Região de Setúbal dá corpo à sua política de valorização patrimonial; estando embora focada no território regional, tem a clara noção de que a obtenção de sinergias no mundo contemporâneo requer amplas escalas de enquadramento. Nesta óptica, congratula-se pela abordagem ao povoamento humano pretérito à escala do Sudoeste Ibérico, justamente no cruzamento dos mundos mediterrâneo e atlântico, onde nos situamos.

A presente edição da “Setúbal Arqueológica” dedicada ao 1º volume das actas da reunião científica a que nos vimos referindo alia-se à revista *online* “Digital” do CEAACP da Universidade de Coimbra na preservação e divulgação das comunicações aí apresentadas. Se este último suporte chega mais longe na geografia, a impressão em papel promete ir mais longe no tempo. A conjugação de ambas foi uma oportunidade feliz.

Saúdo até um novo Encontro os parceiros e os autores que com o seu trabalho criativo dilataram o conhecimento da história humana desde os Primórdios até à Conquista Romana no Sudoeste Europeu.

Rui Manuel MARQUES GARCIA

Presidente do Conselho Directivo da Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS)

Apresentação

Os Encontros de Arqueologia do Sudoeste Peninsular têm vindo a realizar-se desde 1993 em diversas localidades de Portugal e Espanha, com o objectivo de dar a conhecer novidades da investigação arqueológica, apresentar resultados de projectos de investigação em curso e debater problemáticas relevantes da arqueologia do Sudoeste Peninsular, fortalecendo os laços profissionais entre os investigadores portugueses e espanhóis.

De 4 a 6 de Novembro de 2016, ocorreu o IX Encontro, em Troia e Setúbal, ficando a organização a cargo de TROIA RESORT – Ruínas Romanas de Troia, do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS) – Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS) e do Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património da Universidade de Coimbra (CEAACP), tendo contado com o apoio da Direção Regional de Cultura do Alentejo, da Câmara Municipal de Grândola, do Consórcio de Mérida, da Universidade Autónoma de Madrid, da Universidade de Huelva e ainda do Hotel Aqualuz de Tróia e da Atlantic Ferries.

Visitaram-se as ruínas romanas de Tróia, os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo e o castro pré e proto-histórico de Chibanes. O encerramento ocorreu na Casa Mãe da Rota dos Vinhos, com o apoio da Câmara Municipal de Palmela.

Um total de 161 autores apresentou comunicações. Atendendo ao elevado número de textos entregues para publicação e à extensa diacronia abrangida pelos mesmos, decidimos editar as actas do Encontro em dois volumes. O primeiro, agora publicado, integra os artigos respeitantes aos períodos mais antigos, da Pré-história ao Romano-Republicano.

Os artigos foram objecto de revisão por membros da Comissão Científica, a quem muito agradecemos. Porém, a responsabilidade pelos conteúdos e pelo cumprimento dos direitos de autor é dos signatários dos artigos publicados.

Os coordenadores científicos congratulam-se e agradecem a disponibilização do espaço editorial facultada pelas revistas “DigitAR” (online) e “Setúbal Arqueológica” (impressão em papel).

Joaquina SOARES

Inês VAZ PINTO

Carlos TAVARES DA SILVA

(Os Coordenadores Científicos)

O Sítio de Fornos do Barranco Horta do Almada 1 (Santa Clara do Louredo, Beja) – primeiros dados acerca da ocupação pré-histórica

ANA ROSA*
MARIANA DINIZ**

Resumo

No quadro dos trabalhos arqueológicos preventivos realizados no âmbito do projecto de rega executado pela EDIA, S.A, foi identificado, no sítio do Barranco Horta do Almada 1 (Santa Clara do Louredo, Beja), um conjunto substancial de estruturas negativas – tipo fossa e outras que consideramos tratar-se de pequenos fornos. De acordo com as ocupações conhecidas para o Sul de Portugal, este sítio atendendo à tipologia das estruturas, à estratigrafia e cultura material pode enquadrar-se, em termos cronológicos e culturais, nos inícios do Holocénico, como será discutido

Palavras-chave: Estruturas negativas, fossas, fornos, integração crono-cultural.

Abstract

In the framework of the preventive archaeological work carried out as part of the irrigation project executed by EDIA, SA, a substantial set of negative structures – pits type and small ovens were identified at the site of Barranco Horta do Almada 1 (Santa Clara do Louredo, Beja). According to Southern Portugal archaeological record, this site, considering the typology of structures, stratigraphy and material culture can fit, in chronological and cultural terms, in the context of the beginnings of the Holocene, as will be discussed.

Keywords: Negative structures, pits, ovens, chrono-cultural filiation.

Introdução

No ano de 2014, durante a execução da empreitada de beneficiação da rede de drenagem de Aproveitamento Hidráulico Baleizão-Quintos e respectivos blocos de rega, executada pela EDIA, S.A., foi identificado, no sítio Barranco Horta do Almada 1, um conjunto de estruturas quase todas negativas, em fossa, utilizadas para combustão e, que podem ser classificadas como pequenos fornos.

Do ponto de vista administrativo, o sítio localiza-se a cerca de 2,5Km a Este de Santa Clara do Louredo (fre-

guesia de Santa Clara do Louredo, concelho e distrito de Beja) (Fig. 1). As coordenadas geográficas (sistema PT-TM06/ETRS89) são as seguintes: X 225 744.81; Y 110 907.90.

O sítio, implantado nos “Barros de Beja” que caracterizam os solos da grande planície a Sul desta cidade, ocupa uma área aplanada com altitudes da ordem dos 200 m, sulcada por barrancos – como o da Horta do Almada, tributários da bacia do Guadiana.

* Mestranda Arqueologia FLUL. Ana_vs_Cristina@hotmail.com

**UNIARQ /FLUL. m.diniz@letras.ulisboa.pt

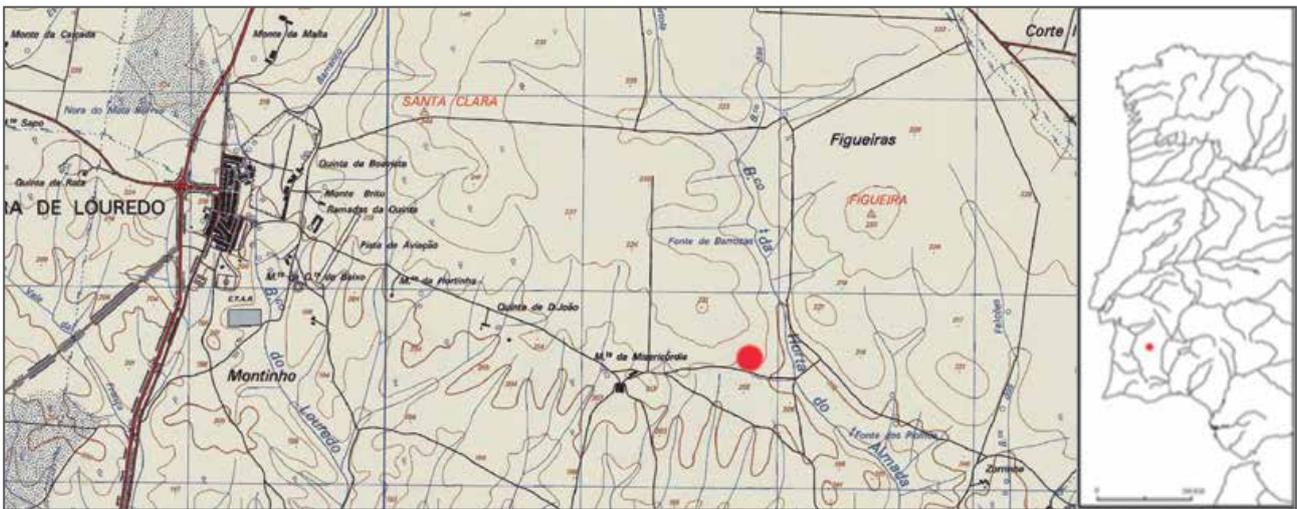


Fig. 1 – Localização do BHA1 em excerto da CMP, folha 521, à escala 1/25000 (modificado).

Descrição do sítio

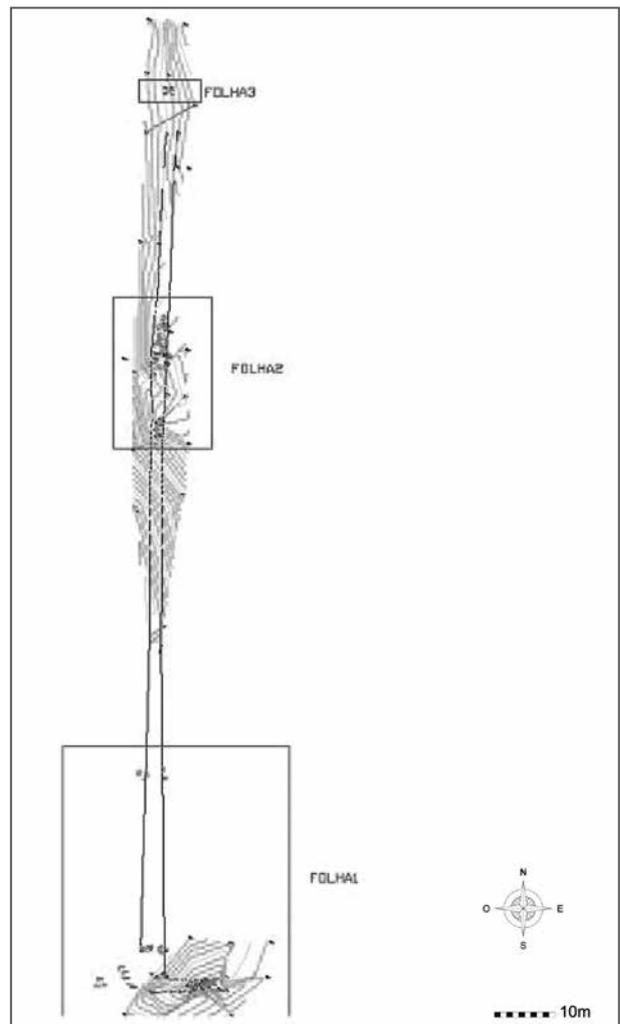
Os trabalhos arqueológicos preventivos realizados durante a abertura de vala para implantação de conduta de rega e canais associados, possibilitaram a identificação, no troço de passagem no Barranco Horta do Almada 1, de três núcleos de estruturas arqueológicas (Fig. 2), registadas ao longo de um corredor em L, com cerca de 100 m de comprimento e cerca de 4/5 m de largura, numa área total de escavação de 500 m². Este horizonte de ocupação humana antiga estava coberto por um espesso manto argiloso – estéril – que oscilava entre o 1,50m e os 3m de espessura.

Estes núcleos, cuja efectiva dimensão não pode ser estabelecida porque se estendem para além do traçado da obra, caracterizam-se enquanto áreas de concentração de estruturas e distam entre si algumas dezenas de metros apontando para um uso descontínuo deste espaço.

Do ponto de vista estratigráfico, o sítio revelou uma sequência simples definida por três grandes horizontes, que do topo para a base da sequência apresentam as seguintes características:

- Depósito sedimentar removido mecanicamente, correspondente a argilas, muito compactas, de tonalidade castanho-escuras, com presença de vegetação;

Fig. 2 – Planta geral de escavação com indicação dos três núcleos identificados.



Categoria	Descrição	Total
Estruturas em argila	Individuais	29
	Duplas	8
Depressões	-	2
Fossas	-	5
Estruturas pétreas	Empedrado	1

Fig. 3 – Tipologia das estruturas do BHA 1.

- Paleossolo sobre o qual foi escavada a maioria das estruturas negativas;

- Substrato geológico (afloramento rochoso/xistos).

No decurso da escavação foi registado um total de 53 estruturas distribuídas pelas seguintes tipologias construtivas (Fig. 3), que abaixo se descrevem:

Estruturas em argila ou fornos

Num total de 37 fornos, estas estruturas em argila (Fig. 4) são de pequenas dimensões, variando em termos de comprimento (0,80m a 1,20m), largura (0,30m a 0,80m) e profundidade (0,20m a 0,60m). Abertas quer no solo arqueologicamente estéril, quer directamente no substrato geológico, apresentam plantas ovaladas, circulares ou trapezoidais, com contornos mais ou menos irregulares. Na base apresentam um empedrado (raras vezes ausente), sempre com vestígios de exposição ao fogo, o que sugere ter este servido como uma placa térmica. Estes elementos pétreos podem apresentar-se dispersos ou imbricados, dispostos no nível de base ou, em casos pontuais, preenchendo por completo a estrutura. As paredes internas estão revestidas com uma espessa camada de argila cozida, da ordem dos 3-4cm, cujas altas temperaturas a que estiveram sujeitas, lhe conferiram uma tonalidade laranja.

Estas estruturas revelaram uma sequência estratigráfica muito idêntica que se caracteriza pela existência, sobre o paleossolo estéril ou substrato geológico, de um empedrado sobre o qual se deposita um sedimento argiloso, por regra com pequenos fragmentos de rocha e carvão. Sobre este sedimento encontra-se um outro depósito argiloso, de colmatação da estrutura negativa, que contém artefactos e ecofactos, nomeadamente, elementos da indústria de pedra lascada, restos de fauna e carvões.

Do ponto de vista artefactual, estes fornos continham no seu interior exclusivamente materiais de pedra lasca-



Fig. 4 – Concentração de estruturas em argila.

da, que apresentavam um baixo grau de diversidade tipológica, adiante discutido.

Fauna

Os trabalhos de escavação permitiram também a recolha de fauna mamalógica no interior destas estruturas. Os ossos apresentavam-se em mau estado de conservação, muito deteriorados e fragmentados, provavelmente em resultado das altas temperaturas a que estiveram sujeitos. Ao mesmo tempo, as propriedades argilosas dos solos em que estavam depositados prejudicaram severamente a preservação dos vestígios orgânicos. A amostra para efeitos de análise é pouco numerosa, mas indicamos que, entre as espécies consumidas, encontrava-se a lebre (*Lepus* sp.), o veado (*Cervus elaphus*) e bovívoro (*Bos* sp.).

Deposições funerárias

Em dois destes fornos, E.23 e E.34, documentámos vestígios osteológicos humanos de dois indivíduos. Correspondem a duas deposições individuais, primárias, de um adulto do sexo masculino e de um sub-adulto, ambos em posição fetal e em muito mau estado de preservação. A total ausência de espólio votivo dificulta apontar, para já, um momento cronológico específico para estas deposições, possivelmente, realizadas numa época de abandono dos fornos, e não numa etapa contemporânea do seu



Fig. 5 – Utensilagem lítica identificada em estrutura de argila.

uso. Em todo o caso, a comprovação desta proposta só terá validade após realização de datações absolutas.

Depressões

Foram escavadas duas depressões (Fig. 6) caracterizadas por planta oval ou circular, com uma profundidade pouco significativa (cerca de 0,15m). Estas estrutu-



Fig. 6 – Exemplo de depressão.

ras não apresentam sinais de utilização e não continham materiais arqueológicos, o que nos impossibilita associá-las a um momento cronológico específico. No entanto, apresentam uma planta idêntica às das estruturas em argila, o que nos leva a equacionar a possibilidade de se tratarem de estruturas de combustão ainda em fase de construção.

Fossas

Foram escavadas duas estruturas tipo fossa (Fig. 7). Caracterizam-se pela planta de desenho oval ou circular, rondando 1m de largura e atingindo, no máximo, 0,50m de profundidade (abertas no solo, sem empedrado e sem argila de revestimento nas paredes). À exceção de uma das ocorrências (fossa 2), de onde provêm os únicos materiais cerâmicos recolhidos no sítio, as restantes não forneceram quaisquer indícios que possibilitem um enquadramento cronológico. No entanto, dadas as características e a proximidade a outros contextos arqueológicos com estruturas similares - por exemplo, no Monte das Cabe-



Fig. 7 – Estrutura tipo fossa.



Fig. 8 – Fragmento de prato de bordo espessado.



Fig. 9 – Empedrado de combustão.

ceiras 2 ou Quinta do Estácio 6 - supomos uma relação funcional associada a armazenamento alimentar (silos).

Apenas uma das fossas (fossa 2) forneceu espólio correspondente a um conjunto de sete fragmentos de cerâmica. Trata-se de formas lisas, de produção manual, sendo o único elemento identificável um bordo que corresponde a um prato de bordo espessado (Fig. 8). Em termos cronológicos este recipiente enquadra-se, grosso modo, no Calcolítico regional.

Empedrado

Neste conjunto, isolamos apenas um empedrado (Fig. 9), associado a combustão, encontrando-se sobreposto parcialmente a uma estrutura em argila. Apresenta um plano sub-rectangular com as dimensões de 1,30m de comprimento e 0,70m de largura.

Cultura material

Os elementos da cultura material recolhidos no BHA foram objecto de estudo detalhado num outro contexto (Rosa, 2017), sendo aqui apenas alvo de uma apresentação sintética.

Materiais de pedra lascada

O conjunto artefactual do BHA é constituído fundamentalmente por materiais de pedra lascada provenientes das estruturas tipo forno. Num inventário de 285 registos, 273 correspondem a elementos da indústria lítica talhada. Foi analisado um conjunto de 73 peças recolhidas no interior das estruturas negativas 4,13,14,21 e 26, conjunto onde estão presentes núcleos, restos de talhe, produtos debitados e utensílios. O número de peças recolhidas em cada estrutura é regra geral muito baixo, destacando-se no conjunto a estrutura 26, com 43 registos.

No campo das rochas e minerais talhados, o quartzo representa a matéria-prima fundamental, correspondendo a cerca de 58% do conjunto. O objectivo fundamental da debitage consiste na produção de lascas que correspondem a 96% dos produtos debitados. Na categoria do pequeno grupo dos utensílios estão registados denticulados (2), entalhes (2) e raspadeiras (3).

Na categoria dos núcleos destacam-se num total de sete peças inteiras, os quatro núcleos de quartzito com

negativos de extração de lascas – que são, no entanto, no conjunto pouco numerosas, como é visível na Tabela 1.

Efectivamente, está presente uma debitagem local, demonstrada pela elevada percentagem de restos de talhe, fragmentos, esquirolas e pequenas lascas, orientada para a produção quase exclusiva de lascas. O aproveitamento massivo dos recursos locais (quartzo/quartzito), foi realizado no quadro de uma economia de debitagem expedita, vocacionada para a produção de suportes de uso imediato e de raros utensílios.

Como registado em outros contextos de fornos, os entalhes, denticulados e raspadeiras são os utensílios mais frequentes.

Materiais de pedra afeiçãoada

Os materiais de pedra afeiçãoada – um movente/percutor, uma bigorna e um afiador foram recolhidos à superfície, portanto, não apresentam contexto arqueológico seguro ainda que possam ter estado relacionados com as ocupações pré-históricas do local.

Cerâmica

Foram recolhidos, como atrás mencionado, apenas na fossa 2, sete fragmentos cerâmicos, um dos quais de prato de bordo espessado.

Discussão e interpretação dos dados

O sítio do BHA1 coloca, ao nível da sua classificação crono-cultural e da definição da funcionalidade desta ocupação, questões que, de acordo com a informação hoje disponível, não são de resposta imediata.

As estruturas em argila que aí foram identificadas inscrevem-se numa realidade ainda mal caracterizada quer cronológica, quer funcionalmente, apesar da sua presença em distintos sítios da Pré-história recente e de algumas datações absolutas já realizadas sobre estes contextos.

Numa primeira avaliação, supomos para as estruturas em argila uma utilização como fornos, tal como, sucedeu para o conjunto do Xarês 12 (Gonçalves, 2002, 2003), atendendo aos indícios de combustão que indubitavelmente apresentam. Não são conhecidas estruturas habitacionais nesta área que nos permitam uma associação directa aos núcleos identificados. A forma como as es-

truturas se encontram dispostas e a elevada concentração destas, numa área restrita leva-nos a integrá-las numa primeira fase de ocupação do local – que será revisitado em pleno Calcolítico - provavelmente, de carácter temporário e funcionalmente especializada, no processamento de produtos através de acção térmica.

Os resultados inconclusivos da análise recentemente levada a cabo no sítio da Cova da Baleia (Sousa *et alii*, 2018), demonstram, no entanto, a efectiva incerteza das leituras funcionais propostas para estes contextos.

Para além da funcionalidade destes fornos, a sua cronologia é também um tópico em discussão. Admitidas, numa primeira fase da investigação, cronologias dentro do Neolítico, que usavam como paralelo o sítio da Salema (Tavares da Silva e Soares, 1981, 1982), onde, pela primeira vez, se identificaram estas realidades, tem vindo a ser demonstrada uma mais longa – e inesperada - diacronia de construção/uso destas estruturas.

As datações absolutas obtidas para a a Cova da Baleia (Sousa e Gonçalves, 2015) e Defesa de Cima 2 (Diniz, 2013; 2017) apontam para usos destes fornos ao longo do 8º e 7º milénios cal AC, portanto em contextos de caça-recoleção, denunciando a maior complexidade das paisagens mesolíticas – quer ao nível da extensão dos territórios ocupados, quer ao nível da tipologia dos sítios e das estruturas domésticas.

A um povoamento que parecia nos primeiros milénios do Holocénico concentrar-se no litoral e zonas estuarinas foram-se acrescentando os sítios da barca do Xarez e do Xarez 12 (Reguengos de Monsaraz), o da Defesa de Cima 2 (Évora), e, mais recentemente, a ocupação do Carrascal 2, reflectindo uma malha de povoamento mais alargada que o previsto, ao mesmo tempo que contextos como o da Cova da Baleia, Defesa de Cima 2 e Barranco Horta do Almada sugerem um quadro de actividades especializadas ainda mal conhecido.

No BHA, a ausência de datações absolutas torna mais incerta uma adscrição crono-cultural, atendendo sobretudo à baixa resolução tipológica da utensilagem lítica. No entanto, os melhores paralelos para este contexto – atendendo às estruturas tipo forno aí identificadas – apresentam esta cronologia antiga que também se admite para este sítio.

A indústria lítica do BHA constituída, essencialmente, por lascas, mais raras lamelas e onde estão presentes núcleos, restos de talhe e utensílios – fundamentalmente entalhes, denticulados e raspadeiras – corresponde a um quadro de utensilagem de fundo comum também identificado em outros contextos de fornos (Diniz, 2013).

Tabela 1 - Conjunto artefactual em pedra lascada.

Categorias tecnológicas		Quartzo	Quartzito	Sílex	Cherte	Outros	Total
Núcleos	Inteiros	1	4	1	-	1	7
	Fragmentos	2	1	4	-	-	7
Produtos debitados	Lascas	16	4	5	1	2	28
Utensílios	Micro-denticulado			1			1
	Denticulado				1		1
	Raspadeira	2		1			3
	Entalhe	2					2
Restos de talhe	Esquírolas e pequenas lascas	14	2	1	-	-	17
	Fragmentos	6	-	1	-	-	7
Material de reavivamento		-	-	1	-	-	1
Total		43	11	15	2	3	74

A indústria lítica do sítio do Carrascal 2 (Reis *et alii*, 2019), exceptuando os três micrólitos geométricos identificados no conjunto, datada de 5713-5621 cal BC, apresenta óbvios paralelos com a indústria do Barranco Horta do Almada. A presença de elementos de todas as etapas do processo de talhe, o peso maioritário que o quartzo assume como matéria-prima, um número significativo de lascas e os entalhes e raspadeiras como utensílios principais – ainda que em pequeno número – parecem os principais elementos destes conjuntos.

A presença de fragmentos cerâmicos associados a outros materiais de cronologias neolíticas e calculíticas têm sido também sistematicamente identificados nestes contextos. Na Cova da Baleia, na Defesa de Cima 2 – fases de uso, de ocupação curta destes sítios.

O Barranco Horta do Almada 1, implantado numa paisagem aberta e beneficiado pela proximidade aos recursos hídricos e pela fertilidade dos solos, o sítio assenta sobre os “Barros de Beja”, seria objecto de ocupação em diferentes momentos da Pré-história recente. Nesse sentido, o conjunto de fossas estará relacionado com uma contínua ocupação do local.

A presença de alguns pontuais fragmentos de cerâmica, no interior destas estruturas, que as coloca num momento de utilização compreendido, grosso modo, dentro

do Calcolítico, é sinal disso mesmo. Ao mesmo tempo, a escassez de materiais cerâmicos torna uma cronologia unicamente neolítica/calcolítica menos provável.

Paralelamente, surgiram peças que desempenham uma função dentro das actividades produtivas (movente/percutor e bigorna) e que, embora se encontrassem em posição secundária, podem indicar a presença de comunidades agro-pastoris.

A presença de restos humanos no sítio – ainda que não datada – deverá corresponder a uma distinta fase de utilização destas estruturas, também proposta para a deposição funerária detectada na Cova da Baleia (Sousa e Gonçalves, 2015).

Discussão e interpretação dos dados

O Barranco Horta do Almada 1 constitui-se como um registo de extrema importância não só para o conhecimento da Pré-história do Baixo Alentejo, como para ampliar os dados provenientes da investigação dos últimos anos, que tem incidido em contextos arqueológicos semelhantes.

O conjunto dominante é composto por estruturas em argila e que se assemelham a pequenos fornos. Comumente associadas a áreas de funcionalidade doméstica,

neste caso consideramos tratar-se de uma amostra expressiva do carácter “industrial”, ainda que não se possa, para já, avançar uma funcionalidade específica para estas estruturas.

Ao nível da cultura material, a utensilagem lítica é a presença mais atestada, plenamente relacionada com as estruturas em argila, denunciando um trabalho de talhe local. Esta indústria, caracterizada pela presença de utensilagem expedita, e onde se evidencia a clara ausência dos geométricos, não possui elementos de diagnóstico crono-cultural. Não encontramos as lamelas e os produtos alongados característicos do Neolítico/Calcolítico, nem uma presença efectiva de materiais cerâmicos. Perante este conjunto, com um baixo grau de variedade artefactual, com uma indústria expedita destinada à obtenção de pequenas lascas, e apesar da ausência de datações absolutas, pode colocar-se a hipótese de este sítio, como outros sítios de fornos e com indústrias líticas muito semelhantes, se filiar, também, numa tradição mesolítica.

O significado destes contextos e das actividades aqui desenvolvidas é um tema em aberto que a investigação futura deve discutir.

Agradecimentos

As autoras agradecem ao Dr. César Neves pela ilustração dos materiais apresentados neste artigo.

Bibliografia

- Diniz, M. (2013) - Fossas, Fornos, Silos e outros meios de produção: acerca da implantação das práticas produtivas no Neolítico Antigo em Portugal. *Arqueologia em Portugal – 150 anos*. Lisboa: AAP, p. 319-326.
- Diniz, M. (2017) - Estratégias de povoamento, transições culturais e registo arqueológico (ou a irónica contingência da ciência). Uma datação absoluta para o sítio da Defesa de Cima 2 (Évora). *SCIENTIA ANTIQUITATIS*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 65-82. <http://hdl.handle.net/10451/31085>
- Gonçalves, V. S. (2002) - Duas áreas de inesperado avanço sobre a vida e a morte das antigas sociedades camponesas do Guadiana médio. A Mega Operação Alqueva – um balanço dos blocos 3 e 6 em fins de 2002. *Al-madan*. Almada. II Série.11, p. 99-108.
- Gonçalves, V. S. (2003) - Comer em Reguengos, no Neolítico. As estruturas de combustão da Área 3 de Xarez 12. In V. S. Gonçalves (ed.), *Trabalhos de Arqueologia 25 – Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo, Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: IPA, p. 81-99.
- Reis, H.; Gonçalves, C.; Santos, H.; Valera, A. C. (2019) - Monte do Carrascal 2 (southern Portugal): Insights into lithic technology and intra-site spatial analysis of a Late Mesolithic hunting camp. *Journal of Archaeological Science: Reports*, Volume 23, pp. 674-686. <https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2018.11.014>.
- Rosa, A. (2017) - *O Barranco Horta do Almada 1 (Beja): (Mais) um sítio de fossas, (mais) um sítio de fornos no Sul de Portugal*. Dissertação para a obtenção de Grau de Mestre, Lisboa: FLUL.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J. (1981) – *Pré-história da Área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J. (1982) – Des structures d’habitat du Neolithique ancien au Portugal. In *Le Neolithique ancien mediterraneen. Actes du Colloque International de Prehistoire (Archeologie en Languedoc-n°special)*. Montpellier, p. 17-28.
- Sousa, A. C.; Gonçalves, V. S. (2015) - Firewalk with me. O sítio da Cova da Baleia e as primeiras arquitecturas domésticas de terra no Centro e Sul de Portugal. In V. S. Gonçalves, M. Diniz, A. C. Sousa (eds.), *5º Congresso de Neolítico Peninsular*. Lisboa: UNIARQ, p. 123-142.
- Sousa, A. C.; Bao, J. G.; Mazzuco, N.; Miranda, M.; Terezo, J. P. V.; Gonçalves, V. S. (2018) - Clay combustion structures in early Mesolithic at Cova da Baleia (Mafra, Portugal): Approaches to their functionality. *Journal of Archaeological Science: Reports*, Volume 18, p. 984-999. <https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2017.10.049>.

Normas de redação

- Título e subtítulo (se aplicável), em português e inglês;
- Nome do autor, filiação institucional e contacto (facultativo);
- Resumo e abstract (com máximo de 100 a 400 palavras);
- Máximo de 5 palavras-chave e keywords;
- As notas de rodapé deverão ser restringidas ao máximo, sendo utilizadas para esclarecimentos, nunca para referências bibliográficas;
- O artigo deverá ser enviado em formato MS Word, com a indicação (aproximada) da localização das figuras;
- O texto deverá ser entregue em Times New Roman, tamanho 11 e com entrelinhamento de 1,5.
- O artigo deverá ter cerca de 15 páginas A4, incluindo texto e figuras;
- Referências bibliográficas no final do texto, organizadas de acordo com as normas abaixo mencionadas;
- As legendas deverão ser entregues em ficheiro em MS Word com lista numerada das figuras e respectiva legendas;
- Os elementos gráficos deverão ser enviados em formato JPEG ou TIFF, com resolução mínima de 300dpi, em modo CMYK ou escala de cinzas/grayscale;
- As tabelas/quadros deverão ser entregues em formato MS Excel ou Adobe Illustrator;
- Em artigos de arqueologia, as referências relativas a datações e grandezas cronológicas deverão ter a indicação da referência do laboratório, do tipo de amostra, da data BP e cal BC com indicação do grau de probabilidade (1 ou 2 sigma).

Exemplos de referências bibliográficas:

Monografias:

Soares, J. (2003) – *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, 238 pp.

Contribuições em monografias com indicação de editor:

Pinto, I. V.; Magalhães, A. P.; Brum, P. (2011) – O complexo industrial de Tróia desde os tempos dos Cornélii Bocchi. In J. L. Cardoso, M. Almagro-Gorbea (eds.), *Lucius Cornelius Bocchus. Escritor lusitano da Idade da Prata da literatura latina*. Lisboa-Madrid: Academia Portuguesa da História e Real Academia de la Historia, p. 133-167.

Artigos em revistas da especialidade:

Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Coelho-Soares, A.; Duarte, S.; Godinho, R. (2014) – Preexistências de Setúbal. 2ª campanha de escavações arqueológicas na Rua Francisco Augusto Flamengo, nos 10-12. Da Idade do Ferro ao Período Medieval. *Musa. Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios 4*, p. 161-214.

Artigos em publicações electrónicas:

Tavares da Silva, C.; Soares, J. – O habitat do Neolítico antigo do Casal da Cerca (Palmela). *Setúbal Arqueológica on-line*, 15, p. 1-47. [Consult. 04.12.2014]. Disponível na Internet: http://maeds.amrs.pt/informacao/publicacoes/2014/4_%20Casal%20da%20Cerca.pdf

Citações bibliográficas no texto:

Até 3 autores: (Freitas e Andrade, 2008)

Mais de 3 autores: (Gallazi *et al.*, 2008).

Os artigos deverão ser enviados em suporte digital para o email cea.maeds@amrs.pt ou entregues por correio normal (em pen ou CD) para a seguinte direcção: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, Av. Luisa Todi, nº162, 2900-451 Setúbal (Portugal).



MAEDS

AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal

MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal